



Recife, 47 anos envolvido pela arte desde a infância. Gil Vicente fala ao Arte Sensu sobre suas inquietações e desilusões.

Como a arte surgiu na sua vida? Você teve algum tipo de influência?

Aconteceu da forma mais comum, como acontece com a maioria dos artistas. Me interessei desde pequeno, eu desenhava, rabiscava. No meu caso, eu me interessei pela pintura porque é uma atividade solitária, e eu era muito introvertido. Era uma forma de eu ocupar e de dialogar com o mundo, primeiro virtualmente através do trabalho, para depois ir me preparando para dialogar com o mundo pessoalmente, para a arte servir como intermediário entre eu e as pessoas. Uma forma também de eu me conhecer, de conhecer o outro, de conhecer o mundo... e continua funcionando dessa forma.

As minhas principais influências são de artistas daqui do Recife. Claro, como influência maior, tive a arte ocidental do século XX, principalmente a partir do começo do século, com Picasso e outros, e depois o movimento da escola de Paris. Enfim, a arte do século XX, mas ela me influenciou muito mais através de artistas de Pernambuco. Esses me marcaram muito: Zé Cláudio, Francisco Brennand, Samico e outros nordestinos.

Qual a maior fonte de inspiração ou de maior interesse para o seu trabalho?

A figura humana é o tema principal do meu trabalho. A figura e o ambiente da figura. Em alguns momentos me interessei muito por paisagem e natureza morta e também algumas paqueras com a arte abstrata. Mas a figura, seja através de retrato, ou mesmo da sua representação menos definida é que foi o meu assunto principal.

Certo vez você afirmou que vive eternamente em crise. Por que isso? Qual é o seu problema?

É o seguinte, eu nunca tive facilidade na minha troca com o mundo. Apesar de eu ter humor na intimidade, o meu modo de permanecer no mundo é doloroso pra mim. Eu vivo sempre perto de um precipício, perto de um tormento. A minha relação com o mundo não é muito amigável. O que me motivou a trabalhar desde cedo foi essa tentativa de compreender melhor essa minha relação com o mundo e com as pessoas. Isso está presente no meu trabalho, porque é o modo que está até hoje diretamente ligado à minha vida. Eu não faço pintura independente do que eu vivo, eu faço pintura através do que eu vivo. A temática do meu trabalho é muito ligada às minhas inquietações. Resumindo, eu nunca vivi em paz com o mundo.

Você também já falou que seu trabalho precisa ser um golpe, de inteligência, de expressão... Você aplicou este conceito nesses últimos trabalhos da série "Inimigos"?

Não. Entre os trabalhos que produzi até hoje, esse tem um conteúdo político, social explícito e consciente. Desde o início, eu estava consciente do trabalho que eu ia fazer. A maior parte da minha produção é feita intuitivamente. Normalmente eu não sei do que estão tratando. Esse tem um conteúdo explícito muito mais presente. Hoje em dia, no cenário da arte contemporânea não importa se o trabalho é abstrato, cubista, impressionista, futurista, se é pintura, se é instalação, etc. O que importa é o que o trabalho contenha um golpe de inteligência, e essa inteligência pode ser intuitiva, política ou social, mas ela precisa conter algo que lhe dê sustentação, ou mesmo uma inteligência essencialmente plástica ou estética.

Sobre esta última série, qual foi o ponto de partida? O que o levou a criá-la?

O conjunto não apareceu completo nem muito nitido no começo. Partiu da raiva que muitas pessoas nutrem pela figura americana, e pelo que significa o império americano atualmente, tão bem encarnado pelo Bush. Uma imagem estava me perseguindo - uma pessoa atirando na boca de Bush. A partir daí, foi se desenvolvendo o desenho de uma pessoa executando o presidente americano, onde eles aparecem de corpo inteiro. Finalmente eu decidi que essa pessoa seria eu. Tudo partiu de uma necessidade de compreender qual a minha relação social e a minha posição social no mundo. E assim, a série foi se desenvolvendo, a partir do desenho de Bush e a partir dessa necessidade de enfrentar minhas questões interiores, seja com um assunto nebuloso muito interno meu, ou externo como nesse caso.

Em todos os nove auto-retratos você aparece como um justiceiro. Você se considera polêmico?

Não me acho polêmico. Não parti como delegado representando um monte de gente, representante do povo ou da maioria. Nada disso. Eu parti de uma coisa particular minha. Se eu pensasse nessa série como um arrastão que tivesse um eco maior na sociedade, eu teria buscado um outro caminho para falar dessas coisas - não artístico, político talvez. Eu não acho que a função da arte seja essa - levantar o debate político ou fazer arte engajada. Além disso, eu estaria renegando meus próprios trabalhos anteriores. A minha série não tem essa intenção de tomar partido de A ou de B. Do mesmo modo que alguns leitores e algumas informações foram úteis para que eu formasse um juízo a respeito do mundo, pode ser que essa série ajude algumas pessoas a formarem um juízo também. Ter consciência de que não existe nenhuma possibilidade, por exemplo, de que tenhamos uma conquista social

significativa. Considero um lucro, fazer com que as pessoas tenham consciência do que é esse mundo. Mas eu não quero promover "desalienação" em ninguém. Assim como ler artigos e outras informações, conseguem despertar as pessoas para isso, o meu trabalho pode ajudar também. Definitivamente eu estou muito melhor hoje, porque tenho absoluta certeza de que a gente não vive num sistema democrático, que o voto não tem a menor importância e não surge pra nada, já que as decisões não são tomadas a partir de voto. As pessoas são eleitas, mas não podem tomar decisões. Elas sabem que não podem tomar decisões, mas se elegem por outros motivos, outros interesses particulares. Eu não tenho ilusão nenhuma. Assim como falou Sarangaio, "eu não sou pessimista, o mundo é que é péssimo".

Como está sendo a resposta do público a este seu novo trabalho?

A reação de modo geral foi muito incentivadora. As pessoas receberam a exposição muito bem. Do ponto de vista estético, gostaram muito do trabalho, pois são desenhos bem feitos. Do ponto de vista temático também tive muito apoio. As pessoas dizem que era exatamente isso que gostariam de fazer, ou que gostariam que aquilo se tornasse realidade, não só ficção. Claro que isso não foi unânime, muitos que me conhecem falaram que ficaram aflitos ao me verem com uma arma na mão. Levavam a coisa muito pra lado pessoal, ou então achavam que era uma atitude muito agressiva contra essas instituições (igreja, poder pública, etc.).

Mas eu fico abismado com as pessoas que acham a exposição agressiva, porque trata-se de uma agressividade ficcional e as agressões que a gente sofre diariamente na vida real a partir do poder, demonstram um total desprezo por todas as questões sociais, mas como eles não usam armas a gente não acha agressivo. Eu tenho uma impressão muito nitida de que, por exemplo, o dinheiro roubado durante oito anos de uma prefeitura ou de um governo e desviado para partidos e campanhas políticas, ou para corpos particulares, daria para resolver muitos problemas sociais. Numa administração de oito anos, é muito dinheiro roubado. Mas as pessoas que participam desse sistema acham normal, aprovam, não dizem nada... então eu não vou fazer nenhum esforço para que isso pare de acontecer, porque é impossível, faz parte de um sistema muito maior. Não há qualquer possibilidade de ser diferente. Só não quero participar, não votarei nunca mais na minha vida e não vou nem justificar o voto porque é papel de besta.

Você encerrou essa série de auto-retratos ou tem mais algum por fazer?

A série continua infinitamente para mim, mas eu não posso simplesmente dedicar o meu trabalho apenas a isso, se não eu não vou parar nunca. Mas acho que o conjunto já abrange de forma significativa os poderes local, nacional, internacional.



Auto-retrato matando Fernando Henrique Cardoso 2003 | carvão sobre papel | 20x150 cm



Auto-retrato matando George Bush 2003 | carvão sobre papel | 20x150 cm



Auto-retrato matando Lula 2005 | carvão sobre papel | 20x150 cm



Auto-retrato matando Jânio Vasconcelos 2005 | carvão sobre papel | 150x200 cm

Conheça mais: www.gilvicente.com.br